



A MEMÓRIA E A SIMBOLOGIA NA FANTASIA O GIGANTE ENTERRADO, DE KAZUO ISHIGURO

MEMORY AND SYMBOLOGY IN THE FANTASY *THE BURIED GIANT*,
BY KAZUO ISHIGURO

Fernanda Aquino Sylvestre^{1*}

Emanuelle Garcia Gomes^{**}

43

Resumo: Logo no início da narrativa *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro, percebemos o quanto algumas questões simbólicas e míticas dão suporte para a escrita de Ishiguro, sempre remetendo à questão da memória. Nessa perspectiva, essa análise visa justamente discutir a relação entre memória e simbologia nesse romance.

Palavras-chave: *Memória; Simbologia; O gigante enterrado; Kazuo Ishiguro.*

Abstract: Right at the beginning of the narrative *The Buried Giant*, by Kazuo Ishiguro, we realize how much some symbolic and mythical issues support Ishiguro's writing, always referring to the issue of memory. From this perspective, this analysis aims precisely to discuss the relationship between memory and symbolism in this novel.

Keywords: *Memory; Symbology; The Buried Giant; Kazuo Ishiguro.*

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" UNESP/FCLAr. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELIT/UFU). E-mail: fernandasyl@ufu.br

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELIT/UFU), bolsista Capes.

O sétimo romance de Kazuo Ishiguro, intitulado "O Gigante Enterrado", lançado em 2015, nos conduz por meio de uma aventura de fantasia com temas muito caros para a humanidade, como o amor, a memória e a guerra. Na trama, acompanhamos o casal, Axl e Beatrice, que vivem no Reino Unido pós-arturiano, fantástico. O mote para o desenvolvimento da narrativa é o fato de os humanos subitamente terem perdido a capacidade de reter memórias.

No romance de Ishiguro, algumas simbologias, atreladas inclusive a personagens lendários, como Sir Gawain, aparecem entrelaçadas à questão da perda da memória. Axl e Beatrice se questionam sobre seus passados sem chegar a conclusões do motivo de não se lembrarem de coisas simples de suas vidas, como o dia em que se conheceram, o motivo de morarem no local onde residem, ou se tinham ou não filhos, conforme se pode notar no fragmento a seguir, em que Axl levanta questionamentos e hipóteses:

Será que eles sempre tinham vivido assim, só os dois, na periferia da comunidade? Ou será que um dia as coisas já haviam sido muito diferentes? Mais cedo, lá fora, alguns fragmentos de uma recordação tinham lhe voltado à mente: um breve momento em que ele estava andando pelo longo corredor central do abrigo, com o braço em torno dos ombros de um de seus filhos e o corpo um pouco curvado, não por causa da idade, como poderia acontecer agora, mas porque queria evitar bater a cabeça nas vigas do corredor sombrio. Talvez a criança tivesse acabado de lhe dizer alguma coisa engraçada e os dois estivessem rindo. Mas agora, exatamente como acontecera antes lá fora, nada se fixava direito em sua mente e, quanto mais ele se concentrava, mais ou menos fragmentos pareciam se tornar indistintos. Talvez fossem apenas fantasias de um velho tolo. Talvez Deus nunca tivesse lhes dado filhos. (Ishiguro, 2015, p. 13-14).

Axel e Beatrice decidem partir de seu vilarejo, em uma jornada incerta, como ocorre nas narrativas de fantasias, buscando respostas, e acabam descobrindo a causa da



falta de memória: a névoa do esquecimento, produzida pelas baforadas da dragoa Querig. Ao longo da obra, percebemos que mesmo de forma indireta, Axel e Beatrice ajudam na resolução e retomada da memória coletiva, pois os personagens que os auxiliam em suas jornadas, como Sir Gawain, Ivor, Wistan, entre outros, são os que levam ao entendimento da névoa do esquecimento e do papel da dragoa, bem como para a solução da falta de memória individual de cada personagem e, por consequência da memória coletiva de muitos povos da narrativa ficcional.

Logo no início da jornada, Axel e Beatrice encontram um guerreiro saxão que nos lembra Beowulf. O guerreiro, chamado Wistan, havia resgatado um menino roubado por ogros. Ao vê-lo, Axel tem *flashes* do passado, que mostram a ele, em sua época, a possibilidade de ter sido um soldado. Edwin, o menino mordido pelo ogro, está em perigo em sua aldeia saxã e, por isso, junta-se a Wistan e ao casal Beatrice e Axel, em jornada até o assentamento do filho.

No último capítulo do romance, descobrimos que Querig havia sido enfeitiçada pelo lendário mago Merlin para promover a paz entre saxões e bretões que se odiariam eternamente não fosse a névoa do esquecimento. Para Sir Gawain, Merlin havia agido sabiamente ao lançar o feitiço na dragoa, como mostra o fragmento abaixo:

Ele pode ter sido um homem tenebroso, mas nessa ocasião ele fez a vontade de Deus, não só de Arthur. Sem o hálito dessa dragoa, será que a paz algum dia teria chegado? Olhe como nos vivemos agora, senhor! Antigos inimigos como primos, em todas as aldeias. Sr. Wistan, o senhor se calou diante desta visão. Eu vou pedir de novo. Será que o senhor não pode deixar essa pobre criatura viver os dias que lhe restam? O hálito dela não é mais o que era antes, mas ainda mantém a mágica até hoje. (Ishiguro, 2015, p.354-355).

Nesse ponto da narrativa, o leitor descobre que Sir Gawain não queria ajudar a matar a dragoa que já estava bastante debilitada. Na verdade, ele era seu protetor, porque temia que se voltassem as lembranças, haveria novamente ressentimentos e, talvez, uma nova guerra. Wistan discordava de Sir Gawain, acreditando não poder haver paz construída com mágica e violência e questionava que espécie de Deus estaria no comando, permitindo injustiças esquecidas e impunes.

Sir Gawain acreditava que Querig duraria apenas alguns anos mais, tempo suficiente para que a maioria das pessoas fossem jovens e não se lembrassem do passado já



que não o viveram. Ao mesmo tempo, a maioria dos velhos já teria morrido, cicatrizando as velhas feridas.

O debate entre Wistan e Sir Gawain mostra a importância do lembrar e do esquecer e as consequências dessa dialética para a história, para a humanidade. Permitir o esquecimento é muitas vezes livrar da dor e da violência, mas, ao mesmo tempo é privar que a história siga seu curso e que a memória de um povo seja preservada, que a individualidade das pessoas seja mantida. Axl e Beatrice defendiam a morte da dragoa, porque queriam retomar suas vidas, saber o que ocorrera com o filho, se ele existia de fato. Envergonhados, assumem o quanto foram egoístas, pensando apenas em seus próprios problemas. Seguem atormentados por tomarem consciência de que os velhos rancores possam levar a um novo desejo de conquistar terras e poder, aumentando a violência e a rivalidade entre os diferentes povos. Embora o esquecimento possa parecer benéfico, a falta de memória conduz a um vazio existencial e coletivo, a uma historicidade.

Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 39) lança uma pergunta em seu livro: por que hoje falamos tanto em memória, em conservação, em resgate? Talvez por vivermos em uma sociedade tão imediatista com relações cada vez mais efêmeras, urgindo a necessidade da preservação do próprio passado. O não esquecer pressupõe também uma ação de não cometer os mesmos erros. Recordar o passado, preservar as memórias é necessário para problematizar, revisar o próprio presente, como o casal Beatrice e Axl terão que fazer, bem como os bretões e saxões quando se livrarem da névoa do esquecimento.

Por outro lado, esquecer é promover a paz, como ocorreu por anos entre os saxões e os bretões. Na obra "Genealogia da moral", Nietzsche (2013, p. 57) fala do valor do esquecimento, uma faculdade moderadora, oposta à memória. Esquecer, na visão de Nietzsche, não é deletar todo conhecimento, ou vivência, não é apagar o passado. Para o filósofo, há um tipo de esquecimento que precisamos lutar contra: o do silenciamento, do apagamento, da negação do passado, como ocorre em regimes totalitários que manipulam o que se deve lembrar o que se deve esquecer. Nietzsche usa o termo digerir para abordar a memória. Um corpo saudável é aquele que digere bem a memória, ou seja, o que não silencia, mas lembra o essencial. Lembrar de tudo pode levar ao ressentimento, à nostalgia.

Com a morte de Querig, Axl e Beatrice lembram o passado e descobrem que o filho estava morto, acometido por uma doença. Uma peste assolara o Reino Unido e muitos haviam sido atingidos por ela. Beatrice sentia-se culpada, porque lembrara, ainda, haver



traído Axl. Contara sua história ao barqueiro que faria a travessia dela e do marido, caso merecessem, ou seja, caso mostrassem se amar verdadeiramente. Axl diz ao barqueiro que fora pior que Beatrice, pois a impedira de visitar o túmulo do filho: “Foi uma coisa cruel que eu fiz, senhor. E uma traição pior do que a pequena infidelidade que me botou chifres durante um ou dois meses”. (Ishiguro, 2015, p. 389).

Axel é questionado pelo barqueiro sobre o motivo de tal crueldade e responde que talvez tenha sido uma espécie de vingança, um desejo de puni-la devido à traição. Reconhece que sua atitude foi perversa não apenas com Beatrice, mas com a memória do filho. Admite, ainda, que a névoa do esquecimento havia cicatrizado as feridas e que talvez, se não fosse ela, o amor entre ele e Beatrice não existisse mais.

No final da narrativa, Axel passa pelo barqueiro que havia pedido que o aguardasse para transportá-lo, após a travessia de Beatrice, sem encará-lo, seguindo adiante. Neste momento, podemos inferir que Axl acredita que nunca mais encontrará a esposa, pois talvez eles não se amassem verdadeiramente mais, sendo, por isso, impossível atravessarem juntos o rio, fato que pode ser lido como uma metáfora do período anterior e posterior à névoa do esquecimento. Somente os que se lembraram um do outro sem ressentimentos e animosidades conseguem ficar juntos, atravessar o rio/tempo de maneira bem-sucedida. O barqueiro de Ishiguro, uma espécie de Caronte, transporta Beatrice para o outro lado do rio, solitária, sepultando o amor do casal, desgastado pelos erros ao longo da vida.

Logo no início da narrativa, percebemos o quanto algumas questões simbólicas e míticas dão suporte para a escrita de Ishiguro, sempre remetendo à questão da memória. Axl, por exemplo, lembrava-se de uma mulher ruiva, habilidosa na arte da cura e generosa, sempre procurada pelos aldeões com o fim de buscarem cuidados para suas doenças, dores e mal-estar. Há um bom tempo, Axl não a via mais; ela estava desaparecida e ninguém com quem conversava parecia dar falta dela ou sequer se lembrar da moça.

O Dicionário de Símbolos de Chevalier & Gheerbrant (2020, p. 1031) descreve a cor vermelha, de acordo com as tradições irlandesas, como a cor das guerreiras. A mulher ruiva desaparecida pode ter sido uma delas, já que na época era comum mulheres guerrearem. O vocabulário galês reconhece dois adjetivos muito recorrentes para designar o vermelho: *derg* e *ruadh*. Assim, a mulher ruiva desaparecida, lembrada apenas por Axl, pode ainda ser associada ao deus druida *Dagda*, também chamado de *Ruadh Rofhessa*, o “vermelho da grande ciência”, por ser ela uma espécie de feiticeira, curandeira.



Alguns textos, principalmente o relato da *Destruição de Albergue de Da Derga* também falam sobre os “druidas vermelhos”, sendo uma referência a sua capacidade guerreira e à dupla função que lhes é atribuída: eles são, ao mesmo tempo, sacerdotes e guerreiros. Na antiga religião celta, e na Gália especificamente, honrou-se nos tempos pagãos, o deus *Rudianus* (Vermelho), deus da guerra, equiparado ao deus romano, *Marte*².

Tanto a ideia de cura quanto a ideia de guerra, orbitam a aventura fantasiosa do casal bretão Axl e Beatrice. De algum modo, essa menção à mulher ruiva já apresenta ao leitor a questão da memória e mostra pequenos insights a respeito da necessidade de Beatrice curar uma dor que sente e de Axl ter sido, no passado, um soldado.

Outro ponto simbólico de “O Gigante Enterrado” é o encontro com mulheres, no início do romance, que surgem quase como figuras proféticas ou como catalisadoras da decisão de partirem da aldeia. Uma delas é Beatrice, que encontra uma senhora estranha de vestes escuras e é aconselhada pelas outras aldeãs a não a seguir, pois ela poderia ser “um elfo disfarçado ou um demônio” (Ishiguro, 2015, p. 21). Notamos aqui um aspecto sincrético da história, isto é, a crença em entidades sobrenaturais provenientes do paganismo, acompanhada de uma crença de matriz cristã. Esse sincretismo percorre toda a trama.

A desconhecida usava vestes em trapos, pedia comida à Beatrice e às demais mulheres da aldeia e se dizia saxã. Ela não havia sido recebida em nenhum outro povoado, todos eles cristãos. Em toda a narrativa os saxões são retratados como pessoas que possuem credices, enquanto os bretões são apresentados como cristãos, que abandonam cada vez mais suas crenças pagãs.

A conversa da mulher maltrapilha com Beatrice faz com que esta tome a decisão de viajar com Axl para encontrar a aldeia de seu filho — mesmo que nenhum dos dois se lembre por onde começar, nem o rosto do rapaz, devido aos efeitos da névoa.

No começo dessa jornada, e por conta de uma chuva, eles encontram um abrigo com dois saxões: uma senhora e um homem. A velha os chama de “primos”; enquanto o homem os trata como “amigos”. A senhora deseja se vingar do homem que, segundo ela, a separou de seu marido. Trata-se de um barqueiro que leva pessoas a uma ilha de muitos habitantes, algumas deles, bastante solitários. A passagem para essa ilha é garantida apenas se o casal a ser transportado provar que se ama verdadeira e solidamente. Amores fracos,

² Inclusive, o quarto planeta do nosso sistema solar, Marte, apresenta a coloração avermelhada por conta da presença de óxido de ferro em sua superfície.



sem lembranças não atravessam juntos o rio. Por isso, a mulher com quem Beatrice conversa ficou sem o marido, levado sozinho pelo barqueiro até o outro lado do rio.

Beatrice conta à Axl sobre o ocorrido com a senhora saxã, dizendo ter medo de que o mesmo aconteça com eles por conta da névoa do esquecimento. Sem conhecer o passado, seria difícil provar amor verdadeiro entre os dois. O aparecimento dessa senhora parece dar um vislumbre para o leitor de que aconteceria com Beatrice o mesmo que ocorrera com a mulher. Nesse ponto, fica claro, pelo diálogo do casal, que é necessário que se lembrem de tudo que viveram para, enfim, partirem juntos rumo à ilha e encontrarem o filho. Beatrice não se mostra confiante de que será bem-sucedida nessa passagem; por outro lado, Axl tem certeza de que vão se lembrar do passado e mostrar o amor sólido que os une a ponto de partirem juntos para o final da jornada.

É impossível não associar o barqueiro de Ishiguro à *Caronte*, o barqueiro de *Hades* da mitologia grega. *Caronte* é o condutor do barco que leva as almas do mundo dos vivos ao mundo dos mortos pelas águas do rio *Estige* e *Aqueronte*. Para cruzar o caminho, e segundo as regras funerárias da Grécia Antiga, uma moeda era colocada sobre ou dentro da boca do cadáver antes da travessia. Quem não tinha dinheiro para atravessar, ou quem não tinha o corpo devidamente enterrado, era condenado a vagar pelas margens dos rios por alguns anos.

A participação de um personagem bastante simbólico e lendário, conhecido de outras literaturas, Sir Gawain, é determinante para que algumas das principais lembranças de Axl voltem à memória. Quando Axl o vê, rememora imagens do passado, como a possibilidade de ter sido um soldado. Gawain tem uma ligação muito direta, não só com o ciclo arturiano, retomado no romance de Ishiguro, como também com o autor de *high fantasy*, J.R.R. Tolkien.

O primeiro trabalho relevante de Tolkien como filólogo foi uma tradução do poema em inglês médio, do século XIV, intitulado "Sir Gawain and the Green Knight". Tolkien publicou a sua edição do poema, junto com um glossário crítico, com seu colega da Universidade de Leeds, E.V. Gordon, em 1925.

A história acompanha os desafios propostos pelo Cavaleiro Verde a Sir Gawain, integrante da lendária corte do Rei Artur, seu tio. Segundo Diego Klautau, em seu livro "Metafísica da Subcriação - A Filosofia do mito em J.R.R. Tolkien", esse poema "reflete a moralidade idealizada da cavalaria arturiana, numa síntese das virtudes cristãs (cardeais e



teologais) e o ambiente mágico do imaginário celta arturiano, com suas travessias, objetos mágicos, ilusões e feiticeiras.” (Klautau, 2021, p. 23-24)

Em duas análises feitas por Tolkien trinta anos depois da tradução, uma em uma conferência para rádio da BBC; outra em uma palestra presidida na Universidade de Glasgow, publicada posteriormente em uma coletânea intitulada “The Monsters and the Critics”, o autor apresenta uma reflexão mais madura sobre “Sir Gawain and the Green Knight.”

Dois trechos, um de cada apresentação do autor, são destacados por Diego Klautau a fim de elucidar um pouco a presença um tanto enigmática do personagem na narrativa de Kazuo Ishiguro e nos ajuda a fazer a nossa própria reflexão a respeito de sua função na narrativa, por meio de um aspecto presente em ambos: a questão da lei moral.

A expressão lei moral, tratada na conferência de abril de 1953 por Tolkien na Universidade de Glasgow, embora não mencionada na apresentação da rádio BBC, é predominante na crítica do. Autor de “O senhor dos Anéis” sobre o poema “Sir Gawain and the Green Knight.” e é, sem dúvidas, uma chave de leitura para a análise do personagem Gawain. Nesta conferência, Tolkien expressa que o poema trata da lei moral de forma intencional, a partir de exemplos relacionados à trajetória de testes impostas ao cavaleiro, sobretudo no que tange à rejeição do adultério por parte de uma atitude proveniente da lei moral. Klatau expõe a questão da seguinte maneira:

Os elementos literários destacados no trecho como o Pentáculo, o sacramento da confissão e do adultério fazem parte do universo imaginário do século XIV, assim como a discussão da correta hermenêutica do poder científico, a função da fé na compreensão da vida e a ordem da moralidade dos afetos que um cristão do século XXI enfrenta. De fato, tais debates transborda dos foros filosóficos, teológicos e jurídicos da Inglaterra da época do poema e entraram nas linhas célticas, cavaleirescas e aventureiras do ciclo arturiano, levando Sir Gawain a ser um catalisador de tensões de um período de transformação da Cristandade medieval em direção do que chamamos hoje de Modernidade. (Klautau, 2021, p. 29-30).

No encontro de Axl e Beatrice com o cavaleiro arturiano, notamos esse sincretismo na transição dos costumes célticos para a Cristandade na Idade Média — um processo que não foi rapidamente estabelecido, nem ocorreu sem deixar vestígios dos tempos pagãos na Modernidade.



Retornando à análise do poema, este teria como objetivo contar uma história, mas a questão principal é que dentro do contexto de um cenário cultural determinado havia:

(...) uma tensão envolvendo uma filosofia e uma religião universalista, que entendiam a imaginação como parte da vida, a vida como parte do cosmos e o cosmos como criação de Deus. Assim, as questões morais brotavam da imaginação porque esta faz parte do drama humano em busca de orientação no mundo e do significado último da vida e da morte. (Klautau, 2021, p. 30).

A partir de um trecho da apresentação de Tolkien na rádio da BBC, Klautau nos mostra a questão do aceite, por parte de Sir Gawain, de um cinto mágico que o faria burlar a morte inevitável pelo golpe do Cavaleiro Verde. Sir Gawain, de fato, não é ferido, mas o corte do machado fica marcado em seu pescoço. Logo, a reivindicação do cinto denota a falha moral do personagem — “ao contrário de protegê-lo, gerou uma brecha em sua inviolabilidade moral, permitindo o dano, ainda que superficialmente.” (Klautau, 2021, p. 32)

O tema da falha do herói, como bem nos lembra o estudioso, aparece no debate desde a “Poética” de Aristóteles (2017, p. 71-89), sendo fundamental na tradição mítica e na análise do filósofo: a falha humana na mimese pelo drama — tragédia e comédia — e na narrativa — epopeia, traz identificação para o espectador, de modo que a plateia (ou no caso, os leitores) criem uma empatia que gera a chamada *catarse*, ou seja, a purificação do terror e da piedade. (apud Klautau, 2021, p. 32)

Essa identificação leva o espectador, o ouvinte ou o leitor a ser mais prudente diante dos desafortunados momentos que podem ocorrer no futuro, bem como os leva a aplicarem a compaixão e a piedade para com os que sofrem infortúnios.

No fim do poema, Sir Gawain é perdoado pela corte arturiana e, ainda que tenha ficado com a marca no pescoço provocada pelo machado do Cavaleiro Verde, Gawain é aceito novamente por seus pares, recupera sua honra e seu pecado (ter aceitado o cinto que protegeria da morte) deixa de ser considerado um ato grave. Inclusive, ele se mostra ainda digno no meio arturiano, “por ter passado pelo teste do adultério e vencido os jogos de confiança cavaleiresco.” (Klautau, 2021, p. 33)

Ao contrário da tradição trágica grega, o herói cego pelo erro, pelo orgulho e pela arrogância, geralmente tem seu fim por meio de uma morte violenta: “No caso de Sir Gawain,



o erro inevitável e necessário encontra sua purgação na confissão dos pecados e no perdão da Igreja e de seus pares na corte do Rei Artur.” (Klautau, 2021, p. 33)

O primeiro devaneio de Sir Gawain no livro “O Gigante Enterrado”, sugere parte dessa ideia de testes sobre sua serventia como cavaleiro e provas sobre a sua humildade ou coragem. (Ishiguro, 2015, p. 251) Algumas viúvas cruzam seu caminho e cobram dele a tarefa, já por muito adiada, de matar a dragoa que lhes causou todo o sofrimento e separação de seus maridos. É ela a causa da névoa do esquecimento. Sir Gawain é interpelado por algumas senhoras e fica intrigado por elas saberem de sua tarefa (proteger a dragoa). Ele se recorda dos tempos joviais quando a paz entre bretões e saxões fora rompida.

Chamado de “cavaleiro impostor” e de covarde pelas viúvas, Gawain recorda o dia em que foi designado para a tarefa de matar Querig, o enfrentamento com os saxões numa batalha sangrenta — na qual ele retornou depois de perder companheiros —, bem como o momento em que ele acompanhou e defendeu uma mulher que desejava se vingar de um saxão que possivelmente teria destruído sua vida. No meio da batalha, Gawain relembra ter encontrado um jovem, Axl, que questionava a paz quebrada pelo Rei Artur e dava razão aos saxões por estarem irados, pois tinham sido atacados e seus bebês haviam sido mortos. (Ishiguro, 2015, p. 251)

Indignado com a insinuação de ser considerado meramente um “assassino de bebês”, Sir Gawain tenta justificar que aquela matança fora ordenada porque aquelas crianças cresceriam com desejo de vingança. Para evitar um prolongamento do conflito, o rei Artur teria ordenado tal ação extrema. (Ishiguro, 2015, p. 265) Sir Gawain não se via responsável, nem pela morte dos bebês, nem por não ter cumprido a tarefa de matar Querig, por isso volta a se concentrar em sua missão, esquecendo a acusação das viúvas. (Ishiguro, 2015, p. 266)

No segundo devaneio de Sir Gawain, ele volta a pensar na chacina e nas acusações das viúvas e se recorda que até mesmo a Beatrice, quando estavam fugindo do ataque dos saxões ao mosteiro, tinha falado dos bebês mortos. Seus pensamentos se voltam como reafirmação da sua coragem e da perda de companheiros quando era jovem. Pensa também que quando ele morresse, rumaria com o barqueiro, tranquilo, visto que os seus feitos estariam cumpridos. (Ishiguro, 2015, p. 326)

De algum modo, o Sir Gawain da narrativa de Ishiguro ousaria ser como um indivíduo das histórias de Homero, caracterizado pela série de feitos heroicos que lhe confere



total prestígio, glória e renome. Essas características permitem que esses personagens escapem do anonimato, do esquecimento (Machado, 2006, p. 204). Pelos devaneios apresentados em “O Gigante Enterrado”, nos parece que esse Gawain mais velho, já no fim de sua função como cavaleiro, quer se afirmar como honrado e corajoso, tendo feito tudo que lhe fora confiado pelo tio e também o que a sua consciência ditava. Não era à toa que ele não via problema em partir no barco, tranquilamente.

Além disso, e pela investigação de Tolkien elucidada por Klautau, como mencionávamos anteriormente, temos o mesmo Sir Gawain tanto no poema, quanto no romance “O Gigante Enterrado”. Nos dois textos, há uma falha moral do personagem: no poema, o aceite do cinto, mas absolvição dos seus pares por ter cumprido as outras tarefas dignas de cavaleiro. Na narrativa de Ishiguro, Sir Gawain ainda não matou Querig — evitando que o conflito se tornasse potencializado — mas cumpriu com honra a ajuda à jovem que queria se vingar do saxão, a ajuda a seus companheiros e ao casal Axl e Beatrice, além da dispensada ao garoto Edwin e a Wistan.

Além dos citados, ainda há outros pontos de similitudes com Tolkien os quais podemos identificar. É impossível, para um leitor familiarizado com a Fantasia de Tolkien, não ter notado que Kazuo Ishiguro faz boas descrições da paisagem, sobretudo no início de “O Gigante Enterrado”. Assim, levantamos um ponto de contato entre Tolkien, conhecido pelas suas descrições de paisagem meticulosamente detalhadas e geograficamente coesas, e Ishiguro.

Em *O gigante enterrado*, temos nuances da ambientação em tempos feudais, indicando que a história se passa provavelmente na Alta Idade Média britânica, já que são mencionadas “estradas romanas” cobertas de vegetação, denotando que a narrativa se passa em um período posterior à Queda do Império Romano e às invasões dos saxões, um povo de origem germânica e que hoje, *grosso modo*, tomamos como “ingleses” ou “anglo-saxões”³. Especificamente, esse é mais um ponto de consonância com o autor inglês. Tolkien era um medievalista e traços desta ambiência são muito claros em seus livros, mormente em seu romance mais famoso, “O Senhor dos Anéis” (1954-1955).

³ São, de fato, dois povos diferentes em termos de origem geográfica: Os Anglos viviam na região que hoje é conhecida como Schleswig-Holstein, enquanto os Saxões habitavam a região que hoje é conhecida como Baixa Saxônia, na Alemanha.



Além da ambientação medieval típica das narrativas de Tolkien, há outros elementos da chamada Alta Fantasia operando na narrativa de Ishiguro, uma delas é o entremear de figuras fantásticas ou lendárias com pessoas comuns. Isso se dá, pois, os anglosaxões praticavam (antes do cristianismo ser instaurado completamente) o paganismo, em que cultuavam diversas deidades conhecidas como *Ēse*.

No Eald Gelēafa, as 'Velhas Crenças' do inglês antigo, os *Ēse* (singular: *Ōs*) são a tribo divina de deuses e deusas que vigiam e governam os assuntos terrenos do reino celestial de *Ēsegēard*: essas divindades estão associadas com as forças elementais ativas da natureza que batalham com os *ēotenas* e os *þyrzas*, os espíritos gigantes das perigosas e impiedosas forças naturais; tudo para trazer equilíbrio, paz e estabilidade para que a vida mortal possa florescer. (Tradução nossa⁴)

Algumas dessas figuras lendárias e fantásticas fazem parte do imaginário, da literatura de fantasia: elfos, dragões, entre outras entidades sobrenaturais, bem como mágicos e bruxos.

Ogros, por exemplo, são mencionados logo no início do romance. Descritos como não tão ruins assim, desde que não fossem provocados. Entendia-se que eles poderiam causar algum mal, e ao que indica a narração, “as pessoas da época tinham de se resignar com suas atrocidades.” (Ishiguro, 2015, p. 10)

A existência de ogros não causa espanto e as pessoas tinham razões para temê-los, já que eram ameaçadores, tais como os orques na Terra-média — o mundo de fantasia criado de Tolkien. No entanto, em *O Gigante Enterrado*, as pessoas também conviviam com outros perigos cotidianos e tinham outras coisas para se preocupar, por exemplo,

Como obter alimentos do solo duro; como não deixar que a lenha acabasse; como curar a doença que podia matar uma dúzia de porcos num único dia e provocar brotoejas esverdeadas nas bochechas das crianças. (Ishiguro, 2015, p. 9-10).

⁴ Em inglês original: “In the Eald Gelēafa, the 'Old Beliefs' of the ancient English, the *Ēse* (singular: *Ōs*) are the divine tribe of gods and goddesses who watch and rule over earthly affairs from the heavenly realm of *Ēsegēard*: these deities are associated with the active elemental forces of nature who do battle with the *ēotenas* and the *þyrzas*, the giant spirits of dangerous and merciless natural forces; all in order to bring balance, peace and stability so mortal life can flourish.” (*Ēse and Wæne: the Gods of England. Eald Gelēafa: English Polytheism*, 2016. Disponível em: <<https://englishpaganism.blogspot.com/2016/05/ese-and-wne-gods-of-ancient-england.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.)



Esse entrelaçar de Mito e História é um dos elementos que conferem a legitimidade da escrita de fantasia de Tolkien. No romance de Ishiguro, a relação mito/história opera de forma bem construída por todo texto: temos não só a ameaça de ogros, mas também a presença de magias, de um dos cavaleiros da corte de rei Artur, e de uma névoa provocada por uma dragoa chamada Querig. Todas essas lendas convivem em perfeita harmonia com a história, cujos protagonistas são humanos comuns.

Axl e Beatrice moravam em tocas subterrâneas com outros aldeões. Muitas outras aldeias possuíam moradias como a do casal. Esse aspecto rural salta aos olhos para quem procura maiores similitudes com Tolkien. Não é difícil lembrar dos hobbits em suas tocas sob as colunas e o Condado, com um sistema de comunidade simples e o sustento puramente rural.

Mas não era só isso que se encontrava nesta Grã-Bretanha ficcional de Ishiguro: havia também castelos, boa comida, excelência atlética e mosteiros com gente culta. Essa última menção dá margem para denotarmos que se tratava de um período em que o cristianismo estaria em seu começo, com os clérigos sendo os detentores do saber, do conhecimento intelectual — por isso, certos aspectos pagãos ainda aparecem vez ou outra, conforme já mencionado.

Para encontrar esses ambientes rurais da Bretanha medieval de “O Gigante Enterrado”, era preciso cavalgar muito, segundo o narrador do romance de Ishiguro. Era necessário levar muita comida e roupas como presentes ou seguir armado até os dentes. Caso contrário, as pessoas corriam o risco de não ser bem recebidas nas comunidades. Esse aspecto da narrativa de Ishiguro nos leva a pensar nos romances de cavalaria, pensamento que é corroborado pelo surgimento dos personagens Sr. Wistan e Sir Gawain, na história, bem como pelo vislumbre do passado de Axl através da memória de Gawain. O aspecto guerreiro, sobretudo ancorado em simbologias célticas ou irlandesas, está embrenhado no texto, dando caráter romanesco à história.

Não podemos deixar de discutir a ideia da jornada do herói, elemento indispensável para as narrativas de fantasia. Não temos, em “O Gigante Enterrado”, uma explicação muito exata sobre a decisão final de Axl de partir em busca de seu filho e da recuperação de sua memória. No entanto, a jornada de Axl e Beatrice nos lembra as jornadas construídas por Tolkien em seus romances. O escritor inglês, em várias de suas narrativas, como por exemplo em “O Hobbit” (1937) mostra uma busca semelhante às vividas pelas



personagens de Ishiguro. O personagem central — Bilbo Baggins — é convocado pelo mago Gandalf a partir em uma missão com 13 anões, com o objetivo de retomarem sua casa, Erebor, que fora invadida e tomada, no passado, por um grande dragão chamado Smaug,

Apesar de Smaug não produzir uma névoa de esquecimento para os povos da Terra-média, como Querig o faz no Reino Unido fantástico de Ishiguro, o dragão toma para si um tesouro e se torna rei sob a montanha. O verdadeiro herdeiro, Thorin, busca reaver sua herança e seu poder. Em “O Hobbit”, Bilbo se questiona se vai ganhar algo com a jornada e se vai sair vivo dessa missão.

O desenvolver das narrativas de Tolkien e de Ishiguro mostram que na jornada da vida todo chamado implicará na perda de alguma coisa e, para perder por um bem maior, é preciso coragem. Enquanto Bilbo abandonou a sua casa e seu conforto para partir em uma missão arriscada, que via com muita desconfiança, Axl e Beatrice partiram em busca de algo que, no fim, não encontraram, mas estavam dispostos a não tardarem mais pela resolução. A busca pelo filho é em vão, já que ele havia morrido acometido por uma peste.

Bilbo sempre lembrava saudoso de sua casa, da sua rotina diária, mas para cumprir a tarefa de ajudar os anões a retomarem Erebor, ele renunciou ao conforto, enfrentou seus próprios medos, assumiu falhas e fraquezas para encontrar as suas melhores características, encobertas pela vida previsível que levava no Condado. Ao retornar para lá, ele não era mais o mesmo.

De forma correlata, Axl era o que insistia que se recobrassem a lembrança. Beatrice mostrava insegurança na jornada, porque acreditava que perderia o marido, tinha medo de lembrar de algo que a fizesse ter algum tipo de rusga do passado. Ao saber em um mosteiro, pelo padre Jonus, que a névoa do esquecimento era provocada pelo hálito da dragoa, Beatrice fica muito feliz. Jonus se espanta com a sua felicidade e pergunta se ela não temia recobrar as más lembranças, e a resposta da personagem é um ponto chave para compreender melhor o sentido da narrativa de Ishiguro: “É como uma história com final feliz, quando até uma criança sabe que não precisa temer as voltas e reviravoltas que aconteceram antes.” (Ishiguro, 2015, p. 196-197)

Essa passagem nos alerta sobre o momento final do romance: Beatrice parte com o barqueiro sozinha, e Axl fica, pois ainda tinha que enfrentar arrependimentos para se desprender e se perdoar pela maldade que tinha feito à esposa, impedindo-a de visitar o túmulo do filho para se vingar das traições por ela cometidas. Lembrando da relação com



Caronte grego, temos novamente um sincretismo: uma noção simbólica pagã (de referência, dessa vez, não céltica) e a teologia cristã. Segundo Terry Eagleton, em seu livro "Sobre o Mal" temos a seguinte colocação que estabelece uma questão propriamente reflexiva com relação ao desfecho:

(...) é no momento da própria morte que descobrimos se tivemos amor suficiente dentro de nós para sermos capazes de partir apenas com uma dose suportável de conflito. É por isso que os mártires – aqueles que abraçam de fato sua morte a serviço dos outros – tradicionalmente vão direto para o céu. (Eagleton, 2022, p. 29).

É por isso, a princípio, que Beatrice parte primeiro com o barqueiro, pois havia se encontrado, renunciado a si mesma, decididamente encontrado amor, indo tranquila, enquanto Axl ainda precisava depurar seus conflitos internos para se desprender, se perdoar para poder abraçar a sua partida — algo muito semelhante aos devaneios de Sir Gawain e suas questões com o passado.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean-Claude & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

EAGLETON, Terry. *Sobre o Mal*. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

ÈSE and Wæne: the Gods of England. **Eald Gelēafa: English Polytheism**, 2016. Disponível em: <<https://englishpaganism.blogspot.com/2016/05/ese-and-wne-gods-of-ancient-england.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ISHIGURO, Kazuo. **O gigante enterrado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



KLAUTAU, Diego. **Metafísica da Subcriação - A filosofia do mito em J.R.R. Tolkien**. São Paulo: A Outra Via, 2021.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico: de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Petrópolis: Vozes, 2013.

Recebido: 10/09/2022

Aprovado: 19/11/2022

